

Não dá para entender bem

JORNAL DE BRASÍLIA

09 FEV

Octávio Bomfim

CORREIO BRAZILIENSE

O Brasil não é um país fácil de ser entendido. Esse é o comentário que ouvimos, com frequência, em encontros sociais com chefes das missões estrangeiras acreditadas nesta capital. Leitura dos jornais, conversas com políticos, homens de negócios e jornalistas às vezes ajudam a compreender o que se passa aqui. Mas, na maioria das vezes, a sucessão diária dos acontecimentos acaba gerando uma confusão, que dificulta a análise que tem de ser feita, periodicamente, para suas respectivas chancelarias. Essa confusão atinge diplomatas de várias áreas do mundo, de países grandes e pequenos, ricos, pobres ou em desenvolvimento. Nenhum desses chefes de missão, entretanto, deixa de considerar que somos um país fascinante para ser observado.

O que é mais difícil de explicar, salientam os diplomatas, é a crise econômica. Afinal, relatórios de instituições financeiras internacionais e de respeitáveis estabelecimentos econômicos apontam expressivo crescimento do Brasil, no ano passado. Em torno de quatro por cento, em números redondos. Como explicar — dizem os diplomatas — que um país que vê seu produto interno bruto crescer em tais níveis pode ter uma inflação de cerca de 40 por cento ao mês? Isso é algo que foge à compreensão dos experimentados analistas nas chancelarias estrangeiras. Na realidade, foge à compreensão de qualquer pessoa de bom senso.

Frisam os embaixadores que, insistir, em seus relatórios, que o Brasil vive “uma grave crise política e econômica”, é como criar problema de credibilidade pessoal. Um país em crise não cresce quatro por cento anuais! É o que dizem “em casa” os recipientes desses relatórios. Não adianta explicar que a

crise é eminentemente política e que não interessa a certos setores privados acabar com a síndrome inflacionária, pois isso diminuiria os fantásticos lucros que conseguem. E não adianta explicar por quê; “em casa”, todos perguntam onde está o comando nacional. Sem este, nenhuma crise será resolvida, como mostram os exemplos de tantos outros países.

Essa é uma contradição exponencial no Brasil. Um país que, segundo os analistas internacionais, cresceu, em números restritos, mais do que os Estados Unidos, no ano passado, mas cuja população está cada vez mais empobrecida pela inflação, um “imposto injusto” a que se refere o ministro da Fazenda. E, em consequência, aumenta o desnível econômico e social entre os que têm e os que não têm, teoricamente gerando uma bomba de retardamento que pode explodir a qualquer instante. Fato que não escapa aos citados analistas. Porque ninguém entende como a população marginalizada brasileira pode sobreviver com uma inflação de 40 por cento ao mês. Na verdade, ninguém entende como é possível viver com tal nível inflacionário. Marginalizado ou não.

O crescimento assinalado pelos organismos econômicos internacionais não foi só do Brasil, mas geral, em toda a América Latina. Claro que o avanço chileno, argentino e mexicano era esperado. Mas que todo o continente tenha crescido consideravelmente é o que surpreende. Especialmente porque há uma espécie de concordância de que o Brasil “vai muito mal” e que seus problemas se refletem em toda a região. A realidade apenas mostra que entre a realidade e as projeções vai uma grande distância. Ainda bem. Porque, do contrário, seria difícil suportar um futuro apontado como desolador. Certamente, o Brasil não é um país de fácil entendimento.